

# Gaiato



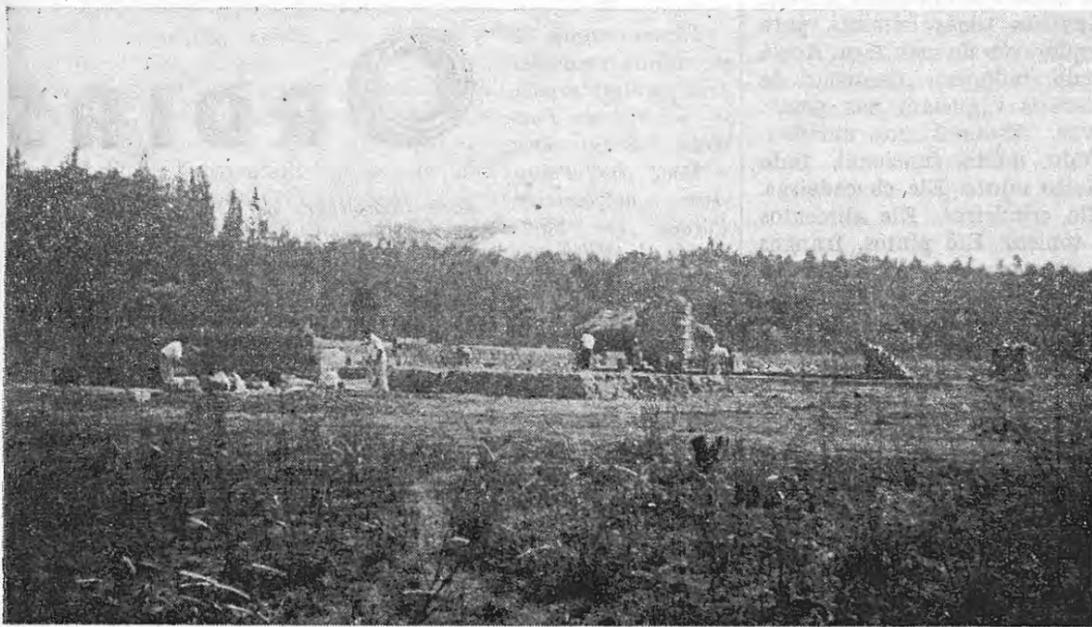
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

10 DE OUTUBRO DE 1964  
ANO XX — N.º 537 — Preço 1\$

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO ★ PAGO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR PADRE CARLOS

FUNDADOR Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAGO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENA  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



A Casa-Mãe de Malanje nasceu. Caboucos abertos, camionetas de pedra, cimento e areia — tudo amassado com muito amor e confiança.

## CANTINHO DE MALANJE

A nossa primeira casa começou a nascer. Caboucos abertos, camionetas de pedra, cimento e areia — tudo amassado com muito amor e confiança. Partindo, praticamente, do nada, não sentimos medo. O Senhor não pode faltar a quem humildemente quer ter Fé. E nós queremos.

A este nosso querer, realizado no dia a dia, Deus pode transformar numa casa, numa aldeia, na continuação duma Obra que vive da Fé.

Não temos possibilidades. Não precisamos delas. Sim, precisamos de darmos testemunho pelo trabalho e amor do próximo.

E Deus suscitará no coração dos homens a urgência da ajuda, do apoio, da aplicação dum capital que a traça não estragará nem os ladrões roubarão.

...Tantos, graças a Deus, que continuam a compreender e vão dizendo presente!

O Senhor Castro Neves com trinta sacos de cimento; Senhor Castro e Irmão com cinco mensais; Senhor Sampaio Magalhães um saco de arroz e Sr. Adriano e Caetano outro. Vieram também os visitantes com roupas, calçado e donativos. Nossa madrinha de Luanda com 500\$ de jornais e roupas. Veio um

anónimo, por intermédio do Senhor Bispo, com do mil. P. Fernando 300; Sr. Baptista 100; mais visitantes com 200. Um anónimo de Malanje, em acção de graças, com mil outro, 100; outro 90. Mais «uma malgalhinha para gaiato» (50 café). E dos nossos amigos Maria Luis e Alvarito «para os gaiatinhos de Malanje». D Dundo 200 de «um admiradora da nossa Obra, rogando a Deus que abençoe o vosso trabalho». Que Nosso Senhor a abençoe também. De uma boa amiga de Malanje: «numa hora de aflição, e

Cont. na 4.ª página

# Barredo

Por  
PADRE  
JOSÉ  
MARIA

**N**AQUELA tarde, depois de umas voltas pelo Porto, e a uma hora que já vai sendo habitual, descemos as ruas por aí abaixo e entramos na Reboleira. É um renque de prédios, todos do mesmo naipe, onde quase sempre me engano na porta, subindo e descendo andares sem dar com quem procuro. E assim a primeira desta vez foi a Calceira. Anda de luto. Não estranho e pergunto se é pelo marido. «Sempre era pai e era outro respeito em casa, quando ele estava», diz a pobre mãe desolada, que apesar de maus tratos e prático abandono, chora o que era seu homem e a deixa mãe pela sétima vez. O filho mais velho ganha para a renda da casa, oito escudos por dia, e ela ganha para o resto que é vida de seis em 5 m2. Mas, o que é a força da mãe... «Heroína sem dar por isso», diria Pai Américo. E é tudo. O tudo e o nada andam aqui tão juntinhos. Ele a fome, a doença, a falta de ar, de roupa e higiene. Ele a fortaleza para aguentar a esperança do dia de amanhã, que bendito Deus, não será diferente do de ontem. Ele os crucifixos, as estampas e rosários nas paredes; as lamparinas de azeite a arder diante do Senhor, numa manifestação de vida sobrehumana num estado infra humano. O nada e o tudo são ali.

Aquele homem ao subir da escada, com sete filhos todos doentes pulmonares, como ele e a mulher. «Se o senhor doutor me arranjasse um empregosinho leve, para tomar conta ou de porteiro, para eu ganhar alguma coisa para esta miséria». Noutra circunstância outros chamam, e muito bem, riqueza aos filhos. Não é cristão dizer o contrário. Os miseráveis chamam miséria. E os que os não têm ou só têm um, chamam em sua defesa as dificuldades actuais para viver e a despesa em criar e sustentar filhos e chamam-lhe «grande encargo» e preferem a sua comodidade, a sua saúde, o seu prazer, o seu egoísmo. Pois aquele homem pede um emprego para ganhar alguma coisa para a sua miséria. E eu transcrevo aqui o seu pedido de mão estendida. Como transcrevo aquela palavra doutor, que não

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## África

Por  
PADRE  
BAPTISTA

As gravílias erguem-se altivas em meio do sertão. Por entre elas os cafêzeiros regalam-se de saborear a sombra que aquelas lhes proporcionam. Dão-se tão bem! Assim os homens colhem exemplo. Árvores desmedidas abrigam do sol tórrido as que são mais pequenas e delicadas. São filas intermináveis.

Começam agora os dém-dém. Majestosos e esguios. Senhores. O mundo é longe daqui. Muito longe mesmo — o mundo dos homens. A vegetação é soberana. Domina. Tudo o mais tem que pedir licença para entrar e permanecer.

Árvores exóticas, perfiladas na berma da estrada, aqui tão bem cuidada, dizem que nos aproximamos das instalações dos donos da fazenda. Ei-las ao fundo, por entre cortina de cedros.

A família é alemã. Vive há anos por cá. Chegou. Do gosto passou à labuta de anos. Hoje ostenta o fruto bem amadurecido de tanto labor. É fácil calcular as canseiras pelo que ao primeiro relance nos é dado contemplar. É mesmo a lição de entrada, — a lição do trabalho. Tantos têm poisado no continente africano... só para colher. Aqui também se colhe; mas houve muita labuta.

Continua na SEGUNDA página

# O Domingos

Ainda assim não é muita vez que a morte visita esta Família de 630 rapazes que as onze Casas e Lares do Gaiato já abrigam. Mas não é a primeira que ela nos colhe de surpresa. Agora, só foi de um modo inédito entre nós.

O Domingos sentiu-se mal no mar. Não vemos que fosse da digestão. Nada lhe conhecíamos de menos bem no coração. Sentiu-se mal... Queixou-se... Seus companheiros e mais alguém que se lançou em seu auxílio, não foram capazes de o trazer à praia. Depois veio uma onda que o roubou àquelas mãos amigas. E ninguém mais o viu.

Nunca nos tinha acontecido, mas acontece assim frequentemente... e continuará a acontecer. «A morte vem como um ladrão» — está escrito. A própria experiência no-lo ensina. Porque não havemos de supô-lo para nós?...

O Domingos ia deixar a tropa dentro de semanas. Era impressor-tipógrafo. Estava destinado a uma casa de Benguela que o esperava no próximo Janeiro. Era bom rapaz. Era humilde. Ainda há pouco, depois de uma reacção menos disciplinada na nossa tipografia, lhe foi mostrado que a adequada expiação seria retratar-se e pedir desculpa aos companheiros do mau exemplo que lhes dera. Aceitou e saiu-se da prova galhardamente. Eu não disse nada. Mas dentro de mim cantei: «Ó feliz culpa... e fiquei a gostar ainda mais do Domingos.

Era bom o Domingos... BOM é Deus — BOM e JUSTO. Que a conciliação da Sua Misericórdia e da Sua Justiça, tenha dado ao Domingos a consciência da sua hora e a disposição e o tempo para um acto de contrição perfeita.



# Africa

Continuação da primeira página

A nossa curiosidade tem quilómetros andados e vamos percorrer a fazenda. A agricultura ostenta todos os matizes, desde as mais singelas hortaliças e flores mais belas, às culturas de grande comércio. A pecuária é o grande centro de atenções. Na varanda exterior da casa chifres dos exemplares mais variados dizem-nos da riqueza da caça por estes lados e da perícia de quem é apaixonado por ela. Aqui, as vacas leiteiras, para exploração de manteiga. Acolá gado indígena. Centenas de animais vagueiam nas pastagens. Estamos nos aviários. Tudo muito funcional, tudo muito eficaz. Ele chocadeiras. Ele criadeiras. Ele alimentos e tónicos. Ele pintos, frangos e aves de raça. Um mundo. O mundo das aves. Surpreendem-me agora estas instalações repletas de aves aleijadas. Dum lado pintos trôpegos, expostos ao sol. Do outro, aves feitas muito encolhidas, mancando. Dizem-nos que é o hospital, para os doentes. Não há mistura. Não há atropelo. Há o lugar próprio e as condições requeridas para os mais enfermos.

Este cuidado atento, amigo, extremo, com as aves, mais do que nos impressiona, encantanos.

diurnos também não foi digno de quem é objecto da boa-vontade tão amiga do Colégio João de Deus, que tem recusado alunos por falta de lotação e nunca fecha a porta aos nossos, que o frequentam gratuitamente.

O Virgílio fez apenas a

O mundo dos homens é longe. Aqui tudo é distante! Quem me dera poder trazer aqui os homens para que vissem como os aleijões são esmeradamente cuidados, a tempo e horas e como, por este cuidado, a maior parte restabelece a saúde! Quedo-me a olhar extasiado. Quem me dera! O meu pensamento vai até ao «Calvário» onde se abri-

gam igualmente inválidos, e salta mais longe até aos recantos onde tenho conhecido gente enferma que suspira por acolhimento.

Quem dera que os homens viessem quedar-se também a olhar. Haviam de sentir por certo desejo de levar esta experiência com as aves, para evitar a tempo tantos tropeços humanos.

Tivemos no dia 22 de Agosto uma alegria muito grande — a visita do Fundador desta obra, o Rev.º Sr. Padre Aires, actualmente Pároco em Santa Maria de Vilar, vai para três anos. Essa terra estava sem Pastor e sem residência própria. Agora esse povo está de parabéns, graças a quem o dirige: o Sr. P. Aires continua lá o seu apostolado incansável, como fez aqui.

Pois cá recebemos aquela excursão. Estavam reunidas as tecedeiras e crianças, para cima de 20, que aqui trabalham. Em nome de todas, foi-lhe oferecido um ramo de flores, que ele, comovido, agradeceu. Depois do almoço, foi a visita aos doentes deste lugar, que nem cabiam em si de contentes. Os visitantes levaram alguns dos nossos trabalhos e prometeram fazer propaganda da Obra.

x x x

Encomendas enviadas: 8 pegas e 1 capa para Lisboa. Mais 3 camisolas e 9 pares de pantufas. Dão um grande jeito

## ORDINS

para agasalhar os pés no Inverno; por isso, vão já fazendo pedidos. Uma Mãe com os seus 10\$00 mensais. Murtosa, 1 camisola e 2 pegas. Novamente Lisboa, 2 chales: «Como não conhecia esses trabalhos, estava com receio de não gostar, mas digo que fiquei muito satisfeita». 1 tapete «com a qual fiquei satisfeita», 3 camisolas, 1 casaco de senhora e 1 capa. Recebi os 100\$00 do mês de Julho para os agasalhos do Calvário. De M. T., 10\$00 com pedido de uma oração. (Costumamos rezar todos os dias pelos Benfeitores e por todos os que se encomendam às nossas intenções). Por intermédio da Casa do Gaiato, 20\$00. Para a ajuda de um novelo 20\$00. Para Eixo, 1 camisola e 2 pegas, 2 chales e 1 capa. De uma pecadora que se lembra dos Pobres, 50\$00, para prémios das tecedeiras. Porto, 2 chales, 1 tapete. Leiria, 1 capa e 5 pegas.

Inhambane, 1 colcha e 2 tapetes. Lourenço Marques, 3 colchas, 6 pegas e 2 pegas de quarto em crochet. «Estas duas senhoras têm sido incansáveis em arranjar encomendas. Que Deus lhes pague todo o bem que nos têm proporcionado». De uma Emilia 100\$00 para a tecedeira doente, e 20\$ para pegas. Casa S. Pedro de Alva, 2 chales. Alhandra, 2 camisolas. Póvoa de São Miguel, 1 colcha e 1 chale (graças a Deus, que as nossas colchas já vão tendo saída; mas ainda há algumas feitas, e os teares estão prontos a fabricar mais). Bragança, 1 chale. Por intermédio de uma amiga de Lisboa, 1 chale. Gaia, 1 par de tapetes. Mais 5 dólares para a tecedeira doente. Visitas, 1 chale e 8 pegas. Da Avó de Moscovide, 10\$ mensais (Quem dera que fossem muitos, mesmo com esta migalhinha!).

M. A.

# ESCOLAS

Acaba de abrir o novo ano escolar e ainda nós não demos conta do aproveitamento passado!

Na Escola Primária, o brio das senhoras professoras só permitiu que fossem a exame 17 dos quarenta e tal matriculados na 4.ª classe. Fizeram bem. Quando eles são capazes, também antes os quero seriamente preparados. Os 17 que se apresentaram, porém, deram que falar pelas belas provas que fizeram. Tanto, que nós, entusiasmados com a nova lei da 6.ª classe e pensando que podíamos requisitá-la já para uso dos nossos rapazes, nos preparámos para tal e ficámos tristes quando soubemos que só daqui a dois anos...

Apesar deste bom resultado não tivemos nenhuma admissão, por fuga a ela dos que estavam marcados para a fazer. Foi um dissabor que os escolhidos não-de amargar prolongadamente até que sabiam avaliar o que desperdiçaram.

A preguiça intelectual da maioria da nossa gente é algo que nos preocupa e a que ainda não soubemos encontrar o remédio conveniente.

À noite, fizeram o 1.º ano do liceu 7 dos mais velhos, que oxalá não percam a força de vontade para este ano se apresentarem no liceu a concluir o 1.º ciclo.

No Lar do Porto, o aproveitamento dos estudantes

seção de Letras do 5.º ano. Outros dois passaram de ano com deficiência numa disciplina. Só o «Caneco» passou sem mancha para o 2.º ano do Liceu.

Os estudantes da noite tiveram tão fraco aproveitamento, que este ano lectivo só o Orlandito continuará a preparar-se para a admissão ao Instituto Comercial. O Orlandito e o Quim Oliveira, — é claro! — o qual, se Deus quiser, acabará este ano o seu curso de Impressor-tipógrafo.

Na Escola Agrícola de S.º Tirso, o Rui passou também com uma deficiência e o Tavares terminou com boas notas o seu penúltimo ano, tendo sido o primeiro dos nossos estudantes cá no norte e ganhou, por isso mesmo, um relógio de pulso que a Relojoaria Pinto & Maia, de Lisboa, oferece anualmente ao nosso estudante mais classificado.



Cont. da PRIMEIRA página

tomei como uma expressão de respeito à minha pessoa ou de colegas que ali passem. E passem. E nós ali tão pequeninos. Perante Deus quão inferiores! O que vale o sofrimento para Deus? O que vale o sacrifício do homem para Deus? O que vale Cristo na Cruz! E eu

ali à beira dele sem sofrimento. Satisfeito até por haver quem sofra, para eu ter o gozo íntimo de aliviar esse sofrimento. Graças a Deus que nunca dali saio com a sensação dum dever cumprido, antes com a angústia



# POBRES

Para que os indecisos venham a tempo, e os egoístas estremeçam com a renúncia de tantos que responderam ao apelo, aqui vai M. T. A. de Lisboa com 500; mais cem de Aveiro e um anónimo com metade e outro tanto de um noivo de Penela. O mesmo, acompanhado de orações, de alguém que sentiu durante muito ano o peso angustiante de dívidas contraídas por doença. Mil de anónimo e cem do Porto; igual de A. P. O. e mais 50 da Av. Miguel Contreiras. Quarenta dum par de namorados de Aveiro que têm «O Gaiato» em comum. Dum tripeiro e dum Roque, cinquenta. Mais mil do Porto. Metade de Lisboa, de alguém da Calçada do Lavra. Mais vinte de Viana e cem de Tomar. Um modestíssimo comerciante que tem passado por situações semelhantes 50\$. Dez vezes mais de Maria de Lisboa. Vinte para que Nosso Senhor faça com que minha filha seja praticante. Mais ass. 28566 de Lisboa com 250\$ e Setúbal com mil a dizer que «quem paga salários tão ínfimos para as necessidades vitais esquece-se de que comete um pecado que brada ao céu». Igual de alguém que diz «isto é nada comparado com o que tenho recebido». Ass. 13888 pedindo para todos o espírito de caridade. Mais dum architecto que tem tido o coração fechado e o abriu para este caso. Cinquenta de alguém convencido que Deus «há-de tocar muitos corações de modo a dar a esta família a solução para o seu problema angustiante». De Lisboa uma parcela

de 250\$ do ordenado num «gesto amigo de dar a mão a esses nossos irmãos em Cristo». De Coimbra ass. 30413 com 20\$. O mesmo de Chaves. Das Minas da Panasqueira alguém com cem a que um colega juntou 50\$. «Quando dois ou três se encontram em meu nome reunidos...» De Seia cem. Uma Vimaranesa com cinco vezes tem. Outra vez Setúbal pela mão duma Fernanda, a pedir que Deus ajude a sermos realmente irmãos uns dos outros. Nagoselo do Douro, cem mais o desejo de ver o caso satisfatoriamente resolvido. Cruz da Beira sempre tão presente e tão feliz por ter conseguido transferência de 500\$00. Uma Manuela de Lisboa com cem, Metade de S. Paio de Gouveia. Alcobaca presente tantas vezes. Vinte de leitora assídua de «O Gaiato» em Coimbra. Da Rua Benfornoso cinquenta e o dobro de S. Miguel. Igual de M. T. G. M. de Lisboa. Da Branca 500\$. Mais de um anónimo com desejo que tenha vindo o suficiente. De Lisboa cem de quem pensa vir todos os meses. Conceição com 150\$. Lena com 20\$. Ass. com mil. De Fafe dez escudos em selos. Ass. 17285, 250\$. Médico de Anadia não sei com quanto; 50\$ da Covilhã pedindo orações pelo pai. Cem dum «casal cristão». Uma Fernanda do Porto com vinte. S. Vicente da Beira com 50\$. Metade de Coimbra. De Alpiarça, um funcionário do C. T. T. com uma carta admirável mas que tem de ficar para outra ocasião. «Eu que também sou pobre não posso ir além da contribuição de

50\$00», diz ass. do Porto. «Dar daquilo que Deus nos dá é um dever», diz alguém com cem. Vinhe de uma «fraca dos pulmões», de Braga. «Duma amiga da Obra» tão amide presente 300\$ pedindo que a fé em Deus volte para alguém que O procura. Outro amigo em Jesus com 200\$. É de Lisboa. Espinho com cem e igual de Ponte do Lima. De B. A. C. e M. C. e duas vezes do Porto com vinte e com igual ass. 2856. Com 25\$ ass. 533. Anónimo no Espelho da Moda depositou dois mil. Outra vez Porto com cinquenta e igual por a'ma de Armando, Avelino e José. Ass. 17740 com 20\$. Com cem ass. 32036 e de Tudor House 1.000\$00. Uma professora aposentada com 40\$. Novamente Lisboa com 50\$ e de uma pecadora cem. Ass. 25498 cem e mais dez duma servçal doente. Empregado de escritório duma empresa de Gois, 32\$50. Pessoaal também de Minas e Metalurgia 380\$50. De quatro assinantes em sufrágio de uma irmã falecida há pouco 170\$. De duas pessoas de família 40\$. E outra vez Lisboa «177\$50, produto de subscrição entre os meus amigos de trabalho e alguns familiares. Oxalá muitos tivessem feito o mesmo». Não foram muitos não senhor. Mas vieram aqueles a quem Deus tocou. «O Espírito sopra onde quer». É de Coimbra. Mais dez em selos de assinante de Viseu, propondo que todos os assinantes fizessem o mesmo. Seria bem feito; mesmo assim pela graça de Deus que em tudo actuou, reuniram-se a passar dos dezasseis contos, e assim podemos, se não totalmente, quase aliviar a angústia daquela família, que não vai nunca esquecer a amizade dos leitores de «O Gaiato». Deus dê os cem por um do Evangelho, a todos os irmãos presentes na sua aflição.

P.e José Maria



## Auto- Construção

Há lugar para o coração e há lugar para a inteligência. O sentimento não deverá prejudicar nunca o raciocínio. Equilíbrio entre as duas coisas. No que se chama Caridade, beneficência, obras sociais, o sentimento — diríamos melhor sentimentalismo — terá ocupado um lugar de tal relevo que os efeitos se terão feito sentir. O coração

de não poder fazer nada. Muitos pediam para entrar nas suas casas. Prometi voltar com coisas que me pediram. A visita tinha de terminar. A Rosinha dos pés podres estava no seu posto. Tem sempre uma história grande para contar. A história do seu mal que não tem cura e de suas necessidades que também. Chegámos às escadas do Barredo, depois de ter visitado mais de vinte famílias. Sentámo-nos a descansar um pouco, na cama da Snr.ª Carlota, aquela simpática Pobre, tão asseada quão sôzinha, que ganha quando ganha, alguns tostões a tratar de campas no Campo Santo, e em casa de quem Pai Américo tanto gostava de passar. E nós também.

terá sido o grande motor de muitas chamadas Obras.

Vamos exemplificar: Numa terra vivia um homem abastado, com propriedades, com dinheiro, com animais, com negócios. Tinha uma casa que herdou. Uma noite há um incêndio violento. Como é costume em toda a parte, a população, toda a população, corre e se esforça por dominar as chamas. Naquela noite, porém, os esforços heróicos dos populares foram estérteis. A casa era agora um montão de destroços. Paredes erguidas, mas acusando aquele desastre. Dentro, entulho e objectos partidos. Aquela vivenda valia duzentos mil escudos e o proprietário tinha dois mil contos, tudo a passar e nada para quem. Na povoação, nos arredores, e mesmo ao longe levantou-se logo um movimento de solidariedade humana e cristã. Começam a chegar as ofertas: Pinheiros, telha, objectos diversos e dinheiro. São os ricos, são os remediados e são os pobres. Terá acontecido uma vez ou outra, nos nossos meios rurais, que as ofertas supriram os prejuízos. E aquele homem, mesmo que não existissem essas dádivas, no prazo de um ano, tinha outra casa feita, mais moderna e mais valiosa.

\* \* \*

Num lugar vizinho, dez rapazes ou homens recente-

Por  
P A D R E  
FONSECA

mente casados, nunca tiveram nem têm uma casa sua. São pobres por si mesmos e, abandonados às suas próprias possibilidades, de maneira alguma poderão construí-la. Os anos passam e a situação não melhora. Uns querem casar e não podem, pois não têm onde se meter. Outros casaram-se e não têm onde alojar convenientemente os filhos. Os anos continuam a passar e a situação piora. Um dia ouviram falar de Auto-Construção, uma maneira muito natural, muito humana e muito cristã de cada família ter a sua casa. Em regime de cooperação, formando um grupo, uma equipa, irão ser um por todos e todos por um. A união faz a força. Unindo-se vencerão. Dois ou três pedreiros, dois ou três carpinteiros, dois ou três caiadores, dois ou três trabalhadores agrícolas resolvem empregar todos os seus tempos livres, todas as suas economias para todos eles virem a ter, dentro de algum tempo, as suas moradias feitas pelo fruto do seu trabalho, da sua união e da sua poupança. São todos pobres. Quem na terra ou na vizinhança os ajuda? Quem quer marcar a sua presença a favor de Auto-Construção?

(Toda a correspondência seja dirigida a Auto-Construção — Aguiar da Beira)

## PELAS CASAS DO GAIATO

### Miranda

Continuação da QUARTA pág.

os rapazes, e ainda lá deixaram bandeiras a assinalar a gloriosa proeza.

● **Conjunto** — Está prevista uma grande festa para breve, em que o nosso conjunto terá que se exhibir como manda a lei; mas estamos-nos a ver a braços com os instrumentos que são ainda os mesmos que os senhores viram por aí: tudo da nossa autoria, isto é, instrumentos «a dar com um pau».

Ora o que nós queríamos era uma bateria, umas violas, ou seja qualquer coisa que se possa apresentar. Mandem mesmo o que têm de velho que nós nos encarregamos do resto.

Precisamos também de peças de teatro para o nosso grupo cénico. Vamos lá a ver quem quer ganhar a camisola amarela.

António Ferreira da Silva

### BELEM

● **A debilidade do feijão** — Este ano na nossa quinta plantaram-se várias qualidades de feijão. O primeiro a ser plantado foi o chamado feijão frade, mas este ano já não foi numa loja, foi no lagar. Foi um martírio para acabarmos o trabalho. A nossa Mãe como via que nós nunca mais acabávamos o

feijão mandou-nos pular em cima dele. Algum feijão foi malhado outro foi debulhado por nós. Noutra altura em que andávamos a delinhar feijão branco a nossa Mãe marcou-nos tarefa e disse que não fosse acabado de dia era noite. Nós para irmos mais depressa para a cama debulhámo-lo todo r De manhã veio ver as cascas e que tinham feijões e mandou tarmos a dar volta às cascas u a uma. No dia seguinte fizemos ser. Isto serviu-nos de emenda. Agora quando vamos debulhar feijão num instante que o acabamos.

Fernan

● **Jardim** — Em frente da nossa Casa temos um lindo jardim e é rodeado de buxo. Nele tem várias flores plantadas como: dália, lírios, malmequeres, gipsófilas, zínias. Estas foram as últimas plantadas mas, coitadinhas, as galinhas arrancaram-nas todas e só três que foram avante. Mas o que tem em mais abundância são roseiras. Já somos nós que tratamos de regamo-lo, sachamo-lo e arrancamos-lhe as ervas daninhas.

Ainda no mês passado a nossa Mãe mandou fazer um canteiro porta da cozinha, porque as cozinheiras despejavam lá a água e assim não podem. Elas é que cuidam do canteiro e deste modo desapareceu o charco e ficou a entrada da cozinha mais bonita.

Nós queríamos arranjar muitas flores para o nosso jardim com dalias, craveiros, violetas, malmequeres miudinhos, zínias, sarandeiros e despedidas do verão. Quem nos arranja algumas, por favor?

Fatim



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELAS CASAS

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Benguela



O Domingos, 1.º chefe eleito em Benguela.

● **Eleições** — No dia 7 de Setembro às 7 horas da tarde, começaram as nossas eleições para chefe maior. Antes de se fazer a escolha, teve a palavra o Sr. P. e Manuel que nos disse ser um acto muito sério. «Nós temos de fazer de vós os homens de amanhã».

O Sr. P. e Manuel falava da massa que nós éramos e que era desta massa que havia de sair um para responder à chamada de chefe maior.

Em nossas Casas tem de ser muito bem cumprida a missão de chefe. Ele deve encaminhar os seus irmãos mais novos. Mas também por nossa parte devemos compreender esse nosso irmão que tomou um cargo tão difícil e ajudá-lo a ser um bom chefe, daqueles que a nossa Obra bem precisa para guiar os outros.

Para servir assim um chefe precisa de ter algumas qualidades e ninguém pode escusar-se.

O Sr. P. e Manuel contou-nos o caso de um rapaz que foi chamado a responder àquela chamada de responsabilidade e não quis. Esse rapaz não aceitou o cargo de chefe e por isso foi expulso, porque não queria ser um bom chefe como tivemos dois exemplos há pouco tempo: um foi o Quim Gomes. Este rapaz, que agora já tem o seu lar e de quem o Sr. Padre falou, quando subiu a chefe todos os rapazes difíceis se afastavam dele mas mais tarde esses difíceis se tornaram seus maiores amigos, porque soube ser exemplar.

Mas ainda temos outro que está entre nós, que é o Américo. Esse foi o querido da Obra e dos rapazes que deixou na nossa Casa da Metrópole e que ainda é muito querido dos rapazes que estão longe dele e lhe escrevem cartas de arrependimento das suas faltas para com ele. É um grande Obreiro destas terras de África. Assim como o Sr. P. e Manuel diz, nós também somos obreiros desde os mais pequenos aos maiores.

Outra coisa que também foi contada no dia das eleições: O Sr. Padre estava a falar com o Sr. Dr. que, por acaso, tinha comprado o nosso famoso «Gaiato» e leu estas palavras: «Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes». E este Sr. Doutor ao ler as últimas palavras que eram estas «pelos rapazes», ficou a pensar nelas e pensou muito bem, porque as coisas em nossa Casa são feitas pelos rapazes. Foi uma coisa que admirou muito este Sr. Doutor.

Vamos ao resto. A nossa

Casa nunca fica sem autoridade. Se está o Sr. Padre, muito bem. Se não está, fica o chefe maior e os outros a seguir. Pois já estão a ver que nunca ficamos sem autoridade.

Bem, vou dar o número de votos para os dois primeiros: 1.º ficou o Domingos com 12 votos; 2.º ficou o João Evangelista com 6 votos. Por fim, o novo chefe falou e desabafo. E nós, sobretudo os mais velhos, prometemos ajudá-lo nas horas mais difíceis.

Já são horas de acabar esta crónica e envio muitos abraços para o nossos leitores e rapazes, pedindo ao Senhor por vós.

Armínio José Magalhães



## Calvário

● O «Calvário», última realização do nosso querido Pai Américo, não foge à norma que rege as nossas Casas do Gaiato. Nas Casas é «de rapazes, para rapazes, pelos rapazes». Aqui, só é trocado o nome, pois sabeis o que representa a palavra Calvário.

Tem havido muita gente que é testemunha. Sabemos também que há muita mais que gostariam de ver como é. Dou-vos uma pequena imagem: — Ao transporem o portão deparam com vários conjuntos de casas. Tudo dado por amor e feito por caridade aos nossos irmãos que sofrem.

Sofrem dos seus males, que na maior parte dos casos são incuráveis. Mas, antes de para aqui virem, muitos sofriam mais. Porque tinham outro mais doloroso e talvez custasse mais: o abandono em que se encontravam. Aqui encontram Forças que noutras alturas não tiveram.

Poder-vos-ia citar casos mas não tenho competência para isso. E valha a verdade também não tenho coragem de vos dizer algo sobre este assunto.

Ficai sabendo amigos de que vale a pena existir a Caridade porque se não valesse de mais nada valeria para verificar este amor de doentes para doentes.

Já mais de uma vez eu tenho verificado o amor de uns pelos outros.

Era impossível de acontecer isto que nos é dado a observar. Ver meia dúzia deles a fazer todos os serviços caseiros por parte das mulheres e algumas já idosas, além de serem o que são. Estou a recordar a sra. Justina que tem 80 anos. É quem lida com o aquecimento da água para lavar a louça e para os banhos dos seus e nossos irmãos doentes. Pois tem de ir ao monte buscar a respectiva lenha. É das primeiras doentes e apesar de idosa e cansada não tem negado a sua vontade. E da parte das mulheres, poderia dizer mais, pois cada uma tem uma história e o seu sofrimento.

E da parte dos homens também há boas vontades ainda que se tornem menos notados. Mas todos formam uma família que tem por lema a Caridade.

Ficai sabendo, caros amigos, que isto é o «Calvário». É um lugar sagrado. E que precisa da vossa compreensão e carinho.

Até à próxima se Deus quiser.

Manuel Simões



## TOJAL

● **Tribunal dos rotos** — É exactamente por onde iniciamos a nossa crónica de hoje.

Em boa hora ressurgiu o já tradicional tribunal dos rotos, de tanto agrado do nosso Pai Américo. É um tribunal absolutamente necessário e os motivos que originam essa necessidade estão bem à vista. Há que imprimir no rapaz um cunho de responsabilidade que necessariamente o ajudará na formação do carácter, da sua personalidade, e na própria maneira de compreender um pouco as inúmeras dificuldades da vida. É certo que qualquer rapaz, pelo menos na sua infantildade, poderá deixar de romper, ou pelo menos terá muito cuidado com a roupa, com medo das três ou quatro reguadas. É absolutamente justo e razoável, e por isso compreende-se. Mas também não menos certo, que ao fim de algum tempo, ele já não passará a deixar de romper a roupa pelo facto de não vir a ser castigado, mas sim porque sente ser isso uma exigência da própria vida, poupando o muito ou pouco que tenhamos.

E porque esse tribunal ajuda a imprimir no rapaz um cunho de responsabilidade, o ajuda na sua própria formação humana mostrando-lhe e proporcionando-lhe bons princípios, e ainda por outros motivos que sendo menos evidentes, não são no entanto menos importantes, temos de afirmar convicta e alegremente: ressurgiu em boa hora o tribunal dos rotos.

● **Nasceu mais um netinho da Obra** — É do casal Cândido-Ana, e é um lindo menino que se vem juntar aos três rebentos já nascidos. Eles sentem a felicidade chegar-lhes ao lar, e a Obra da Rua vive alegre nesta hora de amor, pois vê aumentar dia a dia a já tão grande família. Todos sentimos igualmente alegria quando deparamos com alguns netos que a Obra por aqui já tem. Eles são filhos dos nossos irmãos mais velhos, irmãos esses que depois do seu casamento, continuaram junto da Mãe-Obra, servindo-a e amando-a. É assim a grande família da Obra da Rua, e aqueles que já sentiram o seu carinho e a sua ternura, ajudam-na agora na formação dos irmãos mais novos.

● **Prosseguiram com todo o entusiasmo os trabalhos agrícolas nestes últimos dias.** Foi realmente um ano em que se primou na escola do rapaz para a efectivação dos trabalhos do campo. Desde a ceifa do trigo até agora à apanha do grão, tudo foi feito por eles; «o trabalho deles, por mão deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sábia dos defeitos morais que os afligem». Tem de ser assim nas nossas Casas, para atingirmos a verdadeira união familiar. E o trabalho é um elemento positivo na concretização dessa ideia.

Luís Gonzaga



## MIRANDA

● **Praia** — Este ano, aliás pela segunda vez, estivemos na praia no mês de Julho. Aconteceu, porém, um fenómeno fora do normal: em vez de habitarmos uma casa de madeira, por sinal muito bem situada à beira-mar, fomos para uma casa, ia a dizer um palacete, já mais confortável, muito bem mobilada, mas, por azar, escondida à brisa marítima.

O tempo não foi muito de praia mas sempre houve divertimentos, banhos no mar, mergulhos e estafetas de natação na barrinha.

Enfim, foi uma presença alegre, animada com a presença do Tonito, um pequeno de três anos que entrou na graça de todos. O Tonito, apesar de pequenino, não tem medo da água; um dia levei-o a molhar os pés na água fresca do mar. Pois para o tirar de lá foi um castigo.

● **Trabalho** — Nesta época é sempre assim. Começamos com as batatas que já estão arrumadas no celeiro. O que continua é o milho que é o forte das nossas terras.

Depois, como tem estado muito calor, pelo menos por estes lados, tivemos que modificar o horário: começamos a levantar mais cedo e a dormir uma sesta que era um primor.

Um grupo deles tem andado ao feijão. A fruta é pouca; o que há mais é cachos, mas... cuidado com eles por causa dos «GALOS».

● **Senhora da Piedade** — Há dias, num domingo cheio de sol, partimos de casa às 9 h. rumo à S.ª da Piedade onde estavam as Colónias de Férias.

De manhã não se pôde resistir a um desafio de Futebol entre

Colónias — Gaiato. Depois de uma partida bem disputada, o resultado foi o empate a 5 bolas depois de os Gaiatos estarem a perder por 5 - 1.

A desforra fez-se depois em nossa Casa em que os de dentro ganharam por 7 - 0.

Voltando ao passeio propriamente dito, posso-vos dizer que tivemos um almoço esplêndido junto de um riacho que passa ao fundo da serra.

Depois do almoço fomos pelo rio acima por entre pedras, silvas, cataratas, etc., descobrir a sua nascente e depois ainda subimos o monte que lhe ficava sobranceiro donde se avistava belo panorama.

Um grupo foi ainda ao «Monte Careca», escalada favorita dos nos-

Continua na TERCEIRA página

# CANTINHO DE MALANJE

Cont. da 1.ª página

vão mil escudos e pegam a Deus nas vossas orações, pois infelizmente eu não sei rezar». Sabe, sim. E juntar à sua oração — obras. Que o Senhor a ajude. De Ema Brandão, 100 para os leprosos de Dange ia Menha. E dum soldado do Negage, 50.

Ficamos muito gratos. Continuamos a ter confiança. Esperamos a ajuda de todos; se pequenina, não importa. E nós vamos continuar.

As paredes crescem.

Mais tijolo. Mais cimento.

Pedras... Mais pedras!

Cada uma um grito de amor... pelas planícies e montanhas até... ao teu coração.

● Foi criado o Posto Escolar do Culamuxito (Casa do Gaiato). Ficamos alegres com o facto. O professor será um Gaiato. Os alunos serão crianças das sanzalas próximas e alguns gaiatos.

Sentimos, como cristãos e portugueses, a grande responsabilidade.

Arde em nós o desejo de transmitirmos a Mensagem.

É urgente. Não viemos a África, nós sabemos, somente para cavar uma quinta e fazer casas... Sim e, sobretudo, para sermos uma presença cristã.

● O Sr. Provedor de Salazar aproveitou a ida do nosso pequeno vendedor para mandar em sua

companhia um rapaz que ficou sem pai e andava por lá... Chama-se José Mendonça, tem treze anos e cara de Gaiato.

Ora no comboio, enquanto o gaiato da venda aproveitava para despaçar uns jornais, o nosso José Mendonça aproveitava para fumar um cigarrito. E oferece ao Manuel:

— Queres? toma.

— Não. Não tenho idade para fumar.

O nosso José Mendonça engoliu em seco com o fumo do apetitoso.

Foi a primeira lição que o José Mendonça recebeu dum irmão gaiato da sua idade.

Que ela te sirva, José Mendonça.

Padre TELMO



De mãos dadas, portugueses que ajudam a construir um Portugal melhor.

